

Luta Democrática - 23/10/1977

LUX

JORNAL

LUTA
DEMOCRÁTICA

Rio de Janeiro

23 OUT 1977

CARGA AÉREA é com a VASP. Chega bem. Chega rápido.

Cantadores mostram sua arte na Feira do Cordel

Na abertura da Feira do Cordel, sexta-feira à noite no Parque Lage, diversos repentistas, cordelistas e sanfoneiros mostram como se faz a verdadeira arte popular nordestina. Promoção do Departamento Estadual de Cultura a feira vai até o dia 29 e além da participação dos poetas populares, haverá palestras e mesa redonda sobre o tema.

Zé Duda, Medeiros, Zé Ricardo, João Lopes, o forró de Zé da Onça e outros trovadores e poetas mostram sua arte à platéia de estudantes e interessados. No final da noite o público assistiu ao documentário cinematográfico «Cordel, repente canção», de Tânia Quaresma.

A SITUAÇÃO DO CANTADOR

Saudades do Norte. Todos os poetas populares são unânimes: por mais que o Rio e o Sul do Brasil sejam melhores para ganhar dinheiro, é no seu ambiente, o Nordeste (que eles dizem Norte) onde sentem-se à vontade para improvisar os melhores versos.

A maioria já mora no Rio há muitos anos. Sobrevivem à custa de seu trabalho embora às vezes alguns tenham que trabalhar em outras atividades para ter o que comer. «Mas o verdadeiro cantador, o verdadeiro mesmo, não trabalha noutra coisa nunca. Nem que tenha que morrer».

Vivem de apresentações incertas, geralmente nos subúrbios. O cachê varia, mas fica em torno de Cr\$ 2 mil por vez. Manoel Medeiros, companheiro do famoso cordelista Azulão — que não compareceu — disse que quando o cantador fica «duro» vai até a Feira de São Cristóvão, aos domingos e lá sempre consegue uns trocados para garantir as refeições. «O povo vai se chegando, vai gostando, se anima e pinga uns trocados que dá pro cantador ir levando».

A CONSCIÊNCIA DAS DIFERENÇAS

«Aqui no Sul o povo é distante do cantador. Tem gente que ajuda, mas poucos compreendem o verdadeiro espírito do repentista. O povo é desacostumado e não vê o cantador como um verdadeiro poeta. Lá no Norte ele é o artista de casamentos batizados, aniversários vaquejada, «argolinha». Só o mineiro é que o compreende melhor, por isso o cantador não pode nunca se acostumar com a vida no Sul.» Este é Zé Duda, 59 anos, profissional há 25. Diz que é semi-analfabeto, apesar dos 400 livros que tem em casa — já leu umas três vezes mais — a maioria de história e biografias. Zé Duda sabe que o seu povo é explorado. Diz que falta dar ao nordestino a chance dele ser

mais do que é. As verbas que são destinadas às obras públicas são insuficientes. Além disso, com uma «fiscalização» os recursos seriam melhor aplicados sem cair nas mãos dos «tubarões», que substituíram os tradicionais coronéis.

Da Feira do Cordel, Zé Duda tem críticas a fazer. Disse que o pessoal embora bem intencionado, não sabe distinguir um forró dum cantador. «Eles se respeitam mas não cantam juntos. São duas coisas diferentes. Onde tem cantador, não tem forró; e vice-versa. Em geral pagam muito pouco, mas dá para viver». Zé Duda já participou de peças de Ariano Suassuna, no Rio Festivas, faculdades, televisão e claro rádio. Qualquer lugar e hora, o cantador está sempre disposto a cantar, embora o público seja muito importante.

O PROFISSIONAL

No Rio de Janeiro o cantador é totalmente ignorado como classe. Não é regulamentado junto a qualquer órgão de classe. Isso cria uma situação muito insegura, pois é comum a polfela acabar com as apresentações em praça pública porque o repentista não tem documentos de artista.

Manoel Medeiros, companheiro do famoso Aulão, disse que várias vezes foi ameaçado pelo polícia. Até pergunta baseado em que artigo pretendem enquadrar um poeta que alegra o povo nas ruas. Manoel já foi recebido pelo presidente da República e insiste em dizer que o cantador precisa ter uma entidade que dê a mínima assistência legal necessária para o desemprego apesar do grande número de nordestinos, ainda não tem um programa popular no rádio, como quase todas as rádios do Nordeste têm. «Ainda não se achou uma pessoa que tenha a capacidade e o amor à arte para ajudar o cantador nordestino a mostrar no rádio ou televisão toda a força de seus versos».

João Lopes, que fez dupla com Zé Duda, cita exemplos que mostram a importância de fazer programas com os artistas populares para promover a verdadeira arte brasileira. Disse que após fazer duas apresentações no programa J. Silvestre, na televisão, recebeu convites para se apresentar em lugares importantes de pessoas que antes nunca haviam se interessado pelos cantadores: há poucos dias, na Feira de São Cristóvão, encontrou um rapaz que o convida de uma apresentação no rádio em 1959, na Paraíba e que guardara seu nome. Enquanto o público da Zona Sul se diverte, alguns dançando os poetas improvisam em cima do que vêem. E Zé Ricardo canta lá um versinho «... aqui só tem gente bacana, gente de Copacabana...».